

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-LUC GODARD, PARA SEMPRE
16 e 24 de Janeiro de 2023

PASSION / 1982

(*Paixão*)

um filme de Jean-Luc Godard

Realização, Argumento e Montagem: Jean-Luc Godard / **Direcção de Fotografia:** Raoul Coutard / **Música:** Mozart, Dvorak, Beethoven e Fauré / **Som:** François Muzy / **Interpretação:** Isabelle Huppert (Isabelle), Hanna Schygulla (Hanna), Michel Piccoli (Michel Boulard), Jerzy Radziwilowicz (Jerzy), Laszlo Szabo (o produtor), Sophie Lutchansky, Jean-François Stévenin, Ezio Ambrosetti, Magaly Champos.

Produção: Sara Films, Sonimage, Films A2, Film et Video Production SA / **Cópia:** dcp, colorida, legendada electronicamente em português, 88 minutos / **Estreia em Portugal:** Quarteto, a 10 de Maio de 1984.

Passion é apresentado com **Scenário do Film Passion**, ("folha" distribuída em separado).

Os anos 80 de Godard são marcados por uma imagem recorrente (o céu e as nuvens), a que mais tarde se veio juntar uma frase ("une place dans la terre comme au ciel") que podia servir de epígrafe a todo o período iniciado em **Sauve Qui Peut (La Vie)**. Em **Passion**, lá estão essas imagens outra vez, e logo a abrir – o que vemos primeiro é outra vez o céu e as nuvens. Por acaso, é bem possível que sejam as mais belas imagens de céu e nuvens no cinema de Godard: há um equilíbrio plástico fabuloso entre os recortes das nuvens, o azul do céu e o brilho do sol, no contraste entre os tons mais esbranquiçados ou mais acinzentados das nuvens, e nem falta (pormenor que parece "desenho") um rasto muito branco de um avião a jacto. Entra-se em **Passion** a suster a respiração, portanto, em imagens que também são um prenúncio do estrondoso trabalho de fotografia assinado por Raoul Coutard (colaborador assíduo de Godard até **Week End**, em 1968, e que aqui o reencontrava).

Com esta introdução plasticamente tão forte de **Passion** talvez seja imediata a associação ao tema da pintura, que durante o filme (através da reconstituição "viva" de uma série de quadros célebres) desempenhará um papel fundamental. Sê-lo-á (o acaso é importante no cinema de Godard mas poucas coisas acontecem nele por acaso), mas da mesma maneira que as reconstituições pictóricas de **Passion** vão muito para além da citação e da referência cultural, é importante começar por intuir que o que Godard procura nestas nuvens e neste céu é o

mesmo que, durante o filme, procurará na pintura (e também mais ou menos o mesmo que sempre procurou no cinema): um "au delà", aquele espaço harmonioso a que por hábito, tradição e facilidade de expressão Godard chama "céu", liberto das contingências e do "peso" terrestres. A busca de Godard – busca desencantada, que de algum modo é a grande narrativa godardiana dos últimos 40 anos – é a que se traduz no desejo de encontrar, como ele diz, "une place dans la terre comme au ciel". E se a busca é desencantada, é porque na verdade *já aconteceu*, ou pelo menos o desencanto e a frustração já se instalaram. O que Godard não cessa de repetir desde então é o relato desse desencanto e dessa frustração, expresso através da contínua exposição da sua relação com o cinema, com as nuvens que ele seguiu. A "*passion*" de **Passion** é na verdade "*la passion de Jean-Luc Godard*", e este filme é apenas um episódio desse relato.

A oposição céu/terra tem uma equivalência fortíssima em **Passion**, e é aí que a pintura (e o cinema) entram. As reconstituições pictóricas aparecem em **Passion** como "filme dentro do filme", correspondendo, na sua organização narrativa (chamemos-lhe assim), ao filme que o realizador polaco interpretado por Jerzy Radziwilowicz se encontra a rodar. São também (como acontecia no **La Ricotta** de Pasolini com as imagens do "filme no filme" que Orson Welles aí dirigia) uma completa interrupção – um outro espaço, um outro tempo, uma outra ordem – no estilo, no tom e na forma gerais de **Passion**, o que é como quem diz no estilo, no tom e na forma gerais do cinema de Jean-Luc Godard. São uma idealização, um território (sonhado?) que se tenta conquistar, ou de cuja impossibilidade de conquista se dá conta. Daí a pintura, menos como evocação da "grande arte" do que como hipotética simbolização de um ideal de beleza que já se desprendeu das contingências terrenas e vive, distante e inabalável, no mais absoluto platonismo. A oposição, em **Passion**, nasce do confronto entre esse território (o do cinema "sonhado") e aquele (o do cinema "vivido") que Godard encena à volta dele: **Passion** é, como tantos outros filmes do autor, um filme "sobre" os bastidores do cinema, sobre as condições tristemente "terrestres", tristemente "humanas", em que os actos de produção do cinema vivem – e é aí que outros temas fulcrais de Godard (o dinheiro, a corrupção, a mesquinhez, a fealdade moral do "mundo moderno") saltam ao caminho, e vem reforçar quão longe se está, na terra, de um lugar como no céu.

Que Godard diga isto da maneira exaltante que vamos ver, mescla de nostalgia, tristeza, luz, energia, fé, música, "*emotions*"; que Godard o tenha continuado a dizer até ao fim como dizia em 1982, eis o que só vem mostrar como é difícil alguém livrar-se completamente daquilo em que acreditou. **Passion**, em última instância, é um filme sobre isso.

Luís Miguel Oliveira